

SOCIOLINGUÍSTICA, ANÁLISE DO DISCURSO, LINGUÍSTICA COGNITIVA, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, GRAMÁTICA, LINGUÍSTICA APLICADA

THE CONTRIBUTIONS OF SOCIOLINGUISTICS, DISCOURSE ANALYSIS, COGNITIVE LINGUISTICS, LINGUISTIC VARIATION, GRAMMAR, AND APPLIED LINGUISTICS TO LIBRAS AND DEAF EDUCATION

Jerlan Pereira Batista

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Doutor em Linguística

Bruno Bueno Lima de Sousa

Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Letras – Libras

Alan David Sousa Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Doutorando em Linguística

Herivelton de Vasconcelos Vitor

Instituto Nacional de Educação de Surdos, Brasil
Mestrando em Educação Bilíngue

Marcos de Moraes Santos

Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Doutor em Letras e Linguística

Ewerton Carlos Matos Marques

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Doutorando em Linguística

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i6.672>

Aceito em: 06.05.2026

RESUMO: O presente artigo discute as contribuições da Sociolinguística, da Análise do Discurso, da Linguística Cognitiva, da Variação Linguística, da Gramática e da Linguística Aplicada para a compreensão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dos processos educacionais voltados à comunidade surda. Fundamentado em pesquisas contemporâneas sobre linguagem, cultura, cognição e educação, o estudo analisa a Libras como uma língua natural, dotada de estrutura gramatical própria, marcada pela diversidade linguística e pela construção social dos sentidos. A partir da Sociolinguística, evidenciam-se os processos de variação linguística presentes nas comunidades surdas, demonstrando que a heterogeneidade constitui característica inerente às línguas naturais. Sob a perspectiva da Análise do Discurso, são discutidos os processos de produção de sentidos, as relações entre linguagem, ideologia e identidade, bem como os discursos historicamente construídos sobre a surdez e a educação de surdos. A Linguística Cognitiva contribui para a compreensão das



relações entre linguagem, pensamento e construção do conhecimento, destacando a relevância da modalidade visuoespacial da Libras na organização cognitiva dos sujeitos surdos. Além disso, o estudo aborda aspectos relacionados à gramática e à estrutura linguística da Libras, enfatizando a importância dos parâmetros fonológicos, morfológicos, sintáticos e discursivos na constituição dos significados. Por fim, a Linguística Aplicada é apresentada como campo fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, políticas linguísticas e estratégias educacionais voltadas à inclusão e ao ensino bilíngue. Conclui-se que a articulação entre essas áreas do conhecimento possibilita uma compreensão mais ampla da Libras e contribui para a valorização da diversidade linguística, cultural e educacional da comunidade surda.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Libras. Análise do Discurso. Linguística Cognitiva. Educação de Surdos.

ABSTRACT: This article discusses the contributions of Sociolinguistics, Discourse Analysis, Cognitive Linguistics, Linguistic Variation, Grammar, and Applied Linguistics to the understanding of Brazilian Sign Language (Libras) and educational processes involving the deaf community. Based on contemporary studies on language, culture, cognition, and education, the research analyzes Libras as a natural language with its own grammatical structure, characterized by linguistic diversity and the social construction of meanings. From a sociolinguistic perspective, the study highlights the processes of linguistic variation present in deaf communities, demonstrating that heterogeneity is an inherent characteristic of natural languages. Through Discourse Analysis, it examines the production of meanings, the relationship between language, ideology, and identity, as well as the historical discourses surrounding deafness and deaf education. Cognitive Linguistics contributes to understanding the relationship between language, thought, and knowledge construction, emphasizing the importance of the visual-spatial modality of Libras in the cognitive organization of deaf individuals. Furthermore, the study addresses aspects related to the grammar and linguistic structure of Libras, highlighting the role of phonological, morphological, syntactic, and discursive parameters in meaning-making processes. Finally, Applied Linguistics is presented as a fundamental field for the development of pedagogical practices, language policies, and educational strategies aimed at inclusion and bilingual education. It is concluded that the articulation among these fields provides a broader understanding of Libras and contributes to the appreciation of the linguistic, cultural, and educational diversity of the deaf community.

KEYWORDS: Sociolinguistics. Brazilian Sign Language. Discourse Analysis. Cognitive Linguistics. Deaf Education.

Introdução

A linguagem constitui um dos fenômenos mais complexos da experiência humana, uma vez que envolve dimensões cognitivas, sociais, culturais, históricas e discursivas que se articulam na construção dos sentidos e das relações sociais. Nesse contexto, os estudos linguísticos têm ampliado suas abordagens teóricas ao longo do tempo, possibilitando diferentes formas de compreender o funcionamento da língua em uso, os processos de significação e as relações entre linguagem, pensamento e sociedade. Entre os campos que mais contribuíram para

essa compreensão destacam-se a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Linguística Cognitiva, os estudos sobre Variação Linguística, a Gramática e a Linguística Aplicada, áreas que, embora possuam objetos específicos de investigação, apresentam interfaces significativas na análise dos fenômenos linguísticos contemporâneos.

A linguagem não pode ser compreendida apenas como um sistema abstrato de regras gramaticais. Conforme assinala Bakhtin (2011, p. 261), “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta”, evidenciando que os usos linguísticos estão intrinsecamente relacionados aos contextos sociais nos quais os sujeitos se inserem. Nessa perspectiva, a língua passa a ser entendida como prática social, constituída por diferentes vozes, discursos e experiências culturais que produzem sentidos diversos em cada situação comunicativa.

Os estudos sociolinguísticos contribuíram significativamente para a superação da visão homogênea da língua, demonstrando que toda comunidade linguística apresenta formas variadas de expressão. Para Labov (2008), considerado um dos principais representantes da Sociolinguística Variacionista, a heterogeneidade linguística não representa um desvio da norma, mas uma característica inerente ao funcionamento das línguas naturais. Segundo o autor, a variação está associada a fatores sociais, geográficos, históricos e culturais que influenciam diretamente a produção linguística dos falantes.

Nesse sentido, a Sociolinguística possibilitou compreender que as diferenças observadas nas práticas linguísticas não são resultado de erros ou inadequações, mas refletem identidades sociais e culturais específicas. Como afirmam Valentim, Dizeu e Costa (2020), ao analisarem a variação fonológica na Libras, os usos linguísticos revelam formas de pertencimento a comunidades de prática e demonstram que a língua é constantemente moldada pelas experiências sociais dos sujeitos. Tal compreensão reforça a ideia de que as línguas são dinâmicas, heterogêneas e historicamente construídas.

Paralelamente, a Análise do Discurso emerge como um campo de investigação preocupado em compreender os processos de produção de sentidos nas diferentes práticas sociais. Para Pêcheux (1997), o discurso não corresponde apenas à transmissão de informações, mas envolve relações ideológicas, históricas e sociais que atravessam os sujeitos e determinam determinadas formas de significação. Nessa perspectiva, a linguagem é compreendida como lugar de disputas simbólicas, no qual diferentes posições ideológicas são materializadas por meio dos enunciados.

A partir dessa concepção, a Análise do Discurso possibilita compreender que os sentidos não estão prontos ou fixados nas palavras, mas são produzidos nas relações estabelecidas entre sujeito, história e linguagem. Russo e Fiss (2018) destacam que os discursos relacionados à atuação dos tradutores e intérpretes de Libras evidenciam processos históricos de construção identitária e profissional que ultrapassam a dimensão meramente linguística, revelando disputas por reconhecimento, legitimidade e espaço social.

Outro campo relevante para os estudos da linguagem é a Linguística Cognitiva, que busca compreender a relação entre linguagem, pensamento e processos cognitivos. Diferentemente

das abordagens estruturalistas tradicionais, essa perspectiva considera que a linguagem está profundamente relacionada às experiências corporais e às formas pelas quais os indivíduos percebem e interpretam o mundo. Segundo Lakoff e Johnson (2002), os conceitos humanos são construídos a partir de experiências corporificadas, de modo que a cognição influencia diretamente a organização linguística.

Sob essa ótica, a linguagem deixa de ser vista apenas como um sistema formal de representação para ser compreendida como parte integrante dos processos mentais envolvidos na categorização, conceptualização e construção de significados. Fávero e Pimenta (2006) ressaltam que a relação entre pensamento e linguagem assume papel fundamental na organização dos conhecimentos e na resolução de problemas, especialmente quando analisada em contextos educacionais envolvendo sujeitos surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais.

A discussão sobre a gramática também passou por importantes transformações ao longo da história dos estudos linguísticos. Tradicionalmente associada à descrição normativa das línguas, a gramática contemporânea passou a incorporar perspectivas que consideram o uso efetivo da língua em diferentes contextos comunicativos. Conforme afirma Travaglia (2009), a gramática não deve ser compreendida apenas como um conjunto de regras prescritivas, mas como um sistema que organiza os recursos linguísticos utilizados pelos falantes na produção de sentidos.

No contexto das línguas de sinais, essa compreensão torna-se ainda mais relevante, uma vez que estudos recentes têm demonstrado a complexidade estrutural da Libras em seus níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e discursivo. Felipe (2013) argumenta que as marcas não manuais presentes na Libras desempenham funções gramaticais fundamentais, integrando a arquitetura linguística da língua e contribuindo para a construção dos significados nos processos comunicativos.

A Linguística Aplicada, por sua vez, amplia o alcance dos estudos da linguagem ao investigar problemas concretos relacionados ao ensino, à aprendizagem, à tradução, à interpretação e às práticas sociais mediadas pela língua. Conforme destaca Mertzani (2015), a Linguística Aplicada contemporânea caracteriza-se por seu caráter interdisciplinar, articulando conhecimentos provenientes da Linguística, da Educação, da Psicologia, da Sociologia e de outras áreas na busca por compreender fenômenos linguísticos inseridos em contextos reais de uso.

No âmbito da educação de surdos, a Linguística Aplicada tem desempenhado papel fundamental na formulação de práticas pedagógicas voltadas ao ensino da Libras como primeira língua e da Língua Portuguesa como segunda língua. Pires (2014) demonstra que os processos de aprendizagem colaborativa entre estudantes surdos evidenciam a importância das interações linguísticas na construção coletiva do conhecimento, reforçando pressupostos sociointeracionistas que atribuem à linguagem papel central no desenvolvimento humano.

Além disso, o reconhecimento da Libras como língua legítima da comunidade surda brasileira, assegurado pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentado pelo Decreto nº 5.626/2005, impulsionou novas pesquisas voltadas à compreensão de seus aspectos linguísticos, culturais e

educacionais. Como observam Lacerda, Albres e Drago (2013), a implementação de políticas educacionais bilíngues exige o aprofundamento dos estudos linguísticos sobre a Libras e suas interfaces com os processos de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, a articulação entre Sociolinguística, Análise do Discurso, Linguística Cognitiva, Variação Linguística, Gramática e Linguística Aplicada revela-se fundamental para uma compreensão abrangente dos fenômenos linguísticos contemporâneos. Essas áreas contribuem não apenas para a descrição e análise das línguas, mas também para a compreensão das relações entre linguagem, sociedade, cultura, identidade e educação, oferecendo importantes subsídios teóricos para o desenvolvimento de pesquisas voltadas à diversidade linguística e à inclusão educacional.

Referencial teórico

Sociolinguística e variação linguística na Libras

A Sociolinguística consolidou-se como uma das mais importantes áreas dos estudos da linguagem ao demonstrar que a língua não constitui um sistema homogêneo e estático, mas um fenômeno social dinâmico, heterogêneo e permanentemente influenciado pelos contextos históricos, culturais e interacionais nos quais os falantes estão inseridos. Ao investigar as relações entre língua e sociedade, a Sociolinguística rompeu com perspectivas estruturalistas que privilegiavam exclusivamente a descrição formal dos sistemas linguísticos, passando a considerar os usos reais da linguagem em diferentes grupos sociais.

Os estudos pioneiros de Labov (2008) evidenciaram que a heterogeneidade linguística não representa uma falha ou desvio da norma padrão, mas uma característica constitutiva das línguas naturais. Nessa perspectiva, toda língua apresenta variações decorrentes de fatores sociais, geográficos, etários, culturais e históricos. Conforme afirma Labov (2008, p. 238), “a variação é inerente ao sistema linguístico”, revelando que diferentes formas de expressão coexistem legitimamente em uma mesma comunidade linguística.

No contexto das línguas de sinais, essa compreensão torna-se particularmente relevante, uma vez que durante muito tempo prevaleceu a crença equivocada de que a Libras seria uma língua uniforme e padronizada em todo o território nacional. Entretanto, pesquisas sociolinguísticas recentes demonstram que a Língua Brasileira de Sinais apresenta expressiva diversidade linguística, manifestada por meio de diferenças lexicais, fonológicas, morfológicas, discursivas e terminológicas observadas entre distintas comunidades surdas.

Segundo Valentim, Dizeu e Costa (2020), a Libras, assim como qualquer língua natural, está sujeita a processos de variação e mudança linguística decorrentes das práticas sociais dos usuários. Ao investigarem as marcações não manuais utilizadas por surdos em Maceió, as autoras verificaram que diferentes realizações linguísticas podem estar associadas ao pertencimento

dos indivíduos a determinadas comunidades de prática, evidenciando a estreita relação entre identidade social e comportamento linguístico.

Nessa direção, a terceira onda da Sociolinguística, proposta por Eckert (2012), amplia a compreensão da variação linguística ao destacar que os sujeitos não apenas reproduzem padrões linguísticos de seus grupos sociais, mas utilizam a linguagem como recurso para construir identidades, posicionamentos e formas de pertencimento. Tal perspectiva contribui significativamente para os estudos da Libras, uma vez que as comunidades surdas desenvolvem práticas linguísticas próprias que refletem experiências culturais específicas.

A relação entre língua, identidade e comunidade também é destacada por Souza e Gediel (2017), ao analisarem os sinais próprios utilizados para nomear pessoas surdas. As autoras observaram que os processos de nomeação ultrapassam aspectos puramente linguísticos e incorporam elementos culturais, identitários e sociais compartilhados pelas comunidades surdas. Nesse sentido, os sinais próprios constituem marcadores simbólicos de pertencimento social e cultural.

Conforme destacam as autoras:

A etnografia possibilitou uma maior compreensão acerca dos demarcadores culturais imersos nesse processo, tendo em vista a perspectiva dos Surdos considerados líderes, os quais elaboram os sinais próprios (Souza; Gediel, 2017, p. 166).

A citação evidencia que a atribuição dos sinais próprios não ocorre de forma aleatória, mas está relacionada a processos coletivos de significação que envolvem reconhecimento social, experiências compartilhadas e referências culturais específicas da comunidade surda.

Outro aspecto relevante para os estudos sociolinguísticos da Libras refere-se à variação fonológica. Historicamente, as pesquisas sobre fonologia das línguas de sinais demonstraram que os sinais são compostos por parâmetros articulatórios organizados sistematicamente, tais como configuração de mão, movimento, localização, orientação e expressões não manuais. Contudo, assim como ocorre nas línguas orais, esses parâmetros também estão sujeitos a variações.

Xavier e Barbosa (2014), ao investigarem a produção de sinais por diferentes sinalizadores surdos, identificaram a ocorrência de variação intersujeito e intrassujeito em todos os parâmetros analisados. Os autores observaram que um mesmo sinal pode apresentar diferenças articulatórias sem comprometer sua compreensão ou significado.

Segundo os pesquisadores:

A análise dessas produções não apenas ratificou a ocorrência da variação inter-sujeito nos parâmetros configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e marcações não-manuais, observada na sinalização espontânea, mas revelou também variação em outros aspectos articulatórios dos sinais (Xavier; Barbosa, 2014, p. 372).

Essa constatação reforça a compreensão sociolinguística de que a variabilidade constitui um fenômeno inerente às línguas naturais, independentemente de sua modalidade de realização.

Ao discutir a diversidade linguística presente nas comunidades surdas, é importante considerar também a contribuição dos estudos terminológicos. A expansão do acesso de estudantes surdos à educação técnica e superior ampliou a necessidade de criação e circulação de novos sinais-termo para representar conceitos especializados em diferentes áreas do conhecimento.

Nesse contexto, Santana e Santos (2022) investigaram a variação denominativa de sinais-termo na área da eletrotécnica no estado do Maranhão, identificando múltiplas formas de representação para um mesmo conceito técnico. Os resultados demonstraram que os processos de variação terminológica são influenciados por fatores sociais, institucionais e interacionais.

De acordo com os autores:

O número expressivo de variantes denominativas catalogadas em Libras, na área da eletrotécnica, corrobora a afirmativa de que há variação no discurso especializado e que essa variação é causada por diferentes fatores: distintos contextos de interação, diversificados perfis sociais, entre outros (Santana; Santos, 2022, p. 5).

A análise dos autores confirma os pressupostos da Teoria Comunicativa da Terminologia, proposta por Cabré (1999), segundo a qual os termos especializados estão sujeitos às mesmas condições de uso, negociação e mudança observadas nas demais unidades linguísticas.

A Sociolinguística contemporânea também tem enfatizado a importância das comunidades de prática na constituição dos usos linguísticos. Segundo Wenger (1998 *apud* Valentim; Dizeu; Costa, 2020), as comunidades de prática são formadas por indivíduos que compartilham experiências, interesses e objetivos comuns, desenvolvendo repertórios linguísticos específicos ao longo de suas interações. No caso da comunidade surda, essas práticas compartilhadas contribuem para a emergência de variantes linguísticas que refletem experiências coletivas e formas particulares de construção identitária.

Além disso, a discussão sobre variação linguística na Libras está diretamente relacionada às políticas linguísticas voltadas à população surda. Durante décadas, predominou uma visão normativista que buscava uniformizar os usos linguísticos, frequentemente ignorando as variedades regionais e culturais presentes nas comunidades surdas. Entretanto, os avanços das pesquisas sociolinguísticas têm demonstrado que o reconhecimento da diversidade linguística constitui condição fundamental para a valorização das identidades surdas e para a promoção de práticas educacionais inclusivas.

Conforme destaca Bagno (2007), o preconceito linguístico surge quando determinadas variedades são consideradas superiores a outras, produzindo processos de exclusão social e cultural. Tal discussão pode ser ampliada para o contexto da Libras, uma vez que determinadas variantes

regionais frequentemente recebem menor prestígio em comparação a formas consideradas mais amplamente difundidas.

Nesse sentido, os estudos sociolinguísticos contribuem para desconstruir visões homogêneas da Libras e reafirmar seu caráter plural, dinâmico e culturalmente situado. A compreensão da diversidade linguística presente nas comunidades surdas possibilita o desenvolvimento de políticas educacionais mais sensíveis às especificidades regionais, favorecendo práticas pedagógicas que respeitem as múltiplas formas de expressão linguística dos sujeitos surdos.

Sob essa perspectiva, a Sociolinguística não apenas amplia o conhecimento científico sobre a Libras, mas também fortalece processos de reconhecimento social, cultural e educacional da comunidade surda. Ao evidenciar que a variação constitui uma característica legítima e constitutiva da língua, essa área contribui para a valorização das identidades linguísticas e para a consolidação de uma educação bilíngue fundamentada no respeito à diversidade.

Análise do Discurso e linguística cognitiva nos estudos da surdez

Os estudos da surdez têm sido significativamente enriquecidos pelas contribuições da Análise do Discurso e da Linguística Cognitiva, campos que ampliam a compreensão da linguagem para além de seus aspectos estruturais, considerando os processos de produção de sentidos, as relações de poder, as construções identitárias e os mecanismos cognitivos envolvidos na constituição dos sujeitos. Essas abordagens possibilitam compreender a surdez não apenas como uma condição biológica ou sensorial, mas como uma experiência social, cultural, linguística e cognitiva que se materializa por meio de práticas discursivas específicas.

A Análise do Discurso, especialmente a partir das contribuições de Michel Pêcheux, compreende a linguagem como um espaço de produção de sentidos atravessado pela história, pela ideologia e pelas relações sociais. Nessa perspectiva, os discursos não são entendidos como simples transmissões de informações, mas como práticas sociais que refletem posições ideológicas e condições históricas de produção. Conforme afirma Pêcheux (1997, p. 160), os sentidos não estão prontos nas palavras, mas são produzidos na relação entre língua, sujeito e história.

Essa compreensão torna-se particularmente relevante para os estudos da surdez, uma vez que as representações sobre os sujeitos surdos foram historicamente construídas por diferentes discursos sociais, educacionais, médicos e políticos. Durante muitos séculos, predominou o discurso clínico-patológico, que compreendia a surdez como deficiência a ser corrigida, normalizada ou superada. Tal perspectiva produziu efeitos significativos na educação dos surdos, favorecendo práticas oralistas e desvalorizando as línguas de sinais.

Segundo Skliar (2016), a surdez foi frequentemente interpretada a partir de discursos ouvintistas que buscavam enquadrar os sujeitos surdos em padrões culturais e linguísticos pertencentes à maioria ouvinte. Nessa lógica, a diferença era percebida como falta ou ausência, produzindo processos de exclusão social e linguística. A Análise do Discurso possibilita

compreender como tais representações foram historicamente construídas e como continuam influenciando práticas sociais contemporâneas.

Ao discutir a constituição discursiva da profissão dos tradutores e intérpretes de Libras, Russo e Fiss (2018) evidenciam que as identidades profissionais são construídas por meio de processos discursivos que refletem disputas sociais e históricas. Segundo as autoras, os discursos sobre a atuação dos intérpretes revelam diferentes formas de significação atribuídas à profissão ao longo do tempo.

Conforme destacam:

Novas condições de produção de discurso acerca dos tradutores e intérpretes de língua de sinais (TILS) e suas atividades constituíram-se com maior capilarização na última década em todo o país (Russo; Fiss, 2018, p. 42).

A partir dessa perspectiva, observa-se que os sentidos atribuídos à surdez, à Libras e aos profissionais envolvidos na educação de surdos não são naturais nem universais, mas resultam de processos históricos de significação que podem ser transformados ao longo do tempo.

Outro importante referencial para os estudos discursivos da surdez encontra-se nas contribuições do Círculo de Bakhtin. Para Bakhtin (2011), a linguagem é essencialmente dialógica, uma vez que todo enunciado se constitui em resposta a outros enunciados e se orienta para interlocutores concretos. Essa concepção permite compreender que os sujeitos surdos participam ativamente dos processos de produção de sentidos, construindo discursos próprios e elaborando formas particulares de interpretação da realidade.

No contexto das línguas de sinais, essa discussão adquire características específicas em razão da modalidade gestual-visual. Felipe (2013) argumenta que os enunciados produzidos em Libras apresentam uma dimensão verbo-visual que amplia as possibilidades de significação e evidencia a complexidade discursiva das línguas de sinais.

A autora afirma:

Está sendo ressaltada a diferença entre as expressões afetivas, comunicações paralinguísticas complementares em um enunciado, e as marcas verbo-visuais gramaticais, que são linguísticas por fazerem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

Essa observação demonstra que a construção discursiva em Libras envolve não apenas elementos lexicais e sintáticos, mas também recursos espaciais, corporais e visuais que participam ativamente da produção dos sentidos.

A Linguística Cognitiva, por sua vez, oferece importantes contribuições para a compreensão dos processos mentais envolvidos na linguagem e na construção do conhecimento. Diferentemente das perspectivas formalistas, essa abordagem considera que a linguagem está

profundamente relacionada às experiências corporais e aos mecanismos cognitivos utilizados pelos indivíduos para interpretar o mundo.

Segundo Lakoff e Johnson (2002), os conceitos humanos são estruturados por meio de experiências corporificadas que orientam a formação das categorias cognitivas. Nessa perspectiva, a linguagem não é um sistema autônomo, mas um reflexo dos processos de conceptualização desenvolvidos pelos sujeitos ao longo de suas experiências sociais.

A aplicação dessa perspectiva aos estudos da surdez tem permitido compreender a importância da modalidade visuoespacial na constituição cognitiva dos sujeitos surdos. Em vez de considerar a ausência da audição como uma limitação cognitiva, a Linguística Cognitiva evidencia que diferentes modalidades sensoriais podem sustentar formas igualmente complexas de desenvolvimento linguístico e intelectual.

Fávero e Pimenta (2006), ao investigarem a relação entre pensamento e linguagem em sujeitos surdos, demonstram que a Libras desempenha papel fundamental na organização dos processos cognitivos e na construção do conhecimento. As autoras ressaltam que as dificuldades frequentemente observadas em contextos educacionais não decorrem da surdez em si, mas das condições de escolarização e do acesso inadequado à língua.

Nesse sentido, afirmam:

Os resultados sugerem que a dificuldade dos surdos frente a problemas de matemática advém do processo de escolarização que prima pela aquisição de regras de procedimentos de resolução, em detrimento da aquisição conceitual e pelo uso inadequado da LIBRAS como instrumento para a organização de significados semióticos e aquisição de conhecimentos (Fávero; Pimenta, 2006, p. 225).

Essa análise evidencia a importância da língua de sinais como instrumento mediador do desenvolvimento cognitivo, reforçando pressupostos vigotskianos sobre a relação entre linguagem e pensamento.

As contribuições de Vygotsky (2007) também ocupam posição central nesse debate. Para o autor, os processos mentais superiores desenvolvem-se por meio da mediação simbólica e das interações sociais. A linguagem constitui o principal instrumento de mediação cognitiva, permitindo a organização do pensamento e a construção dos conhecimentos.

Ao discutir a aprendizagem colaborativa entre estudantes surdos, Pires (2014) demonstra que as interações em Libras favorecem processos coletivos de construção do conhecimento. Inspirada no sociointeracionismo vigotskiano, a autora evidencia que a aprendizagem ocorre por meio da cooperação entre os sujeitos, sendo a linguagem o principal instrumento mediador dessas relações.

Conforme observa Pires (2014, p. 987), as estratégias de andaimento utilizadas nas interações entre alunos surdos possibilitam a construção coletiva da aprendizagem e favorecem a internalização de conhecimentos linguísticos e conceituais.

A Linguística Cognitiva também contribui para compreender os processos de conceptualização presentes nas práticas translíngues desenvolvidas por sujeitos surdos. Nogueira (2023) argumenta que a translanguagem constitui um fenômeno complexo que envolve a articulação dinâmica entre diferentes recursos linguísticos, semióticos e cognitivos utilizados pelos estudantes em situações concretas de aprendizagem.

Segundo a autora, as práticas translíngues observadas em contextos de ensino de português como segunda língua para surdos revelam formas sofisticadas de mobilização cognitiva, nas quais Libras e Língua Portuguesa são utilizadas de maneira integrada na construção dos sentidos.

Ao analisar essas práticas, Nogueira (2023, p. 2) destaca que a translanguagem permite pensar alternativas às concepções tradicionais de competência linguística, valorizando os repertórios comunicativos híbridos desenvolvidos pelos sujeitos surdos.

A articulação entre Análise do Discurso e Linguística Cognitiva permite compreender que os processos de significação não são exclusivamente individuais nem exclusivamente sociais. Os sentidos são produzidos por sujeitos historicamente situados que utilizam recursos cognitivos, linguísticos e culturais para interpretar e transformar a realidade.

No campo da surdez, essa articulação teórica contribui para superar visões reducionistas que limitam a compreensão dos sujeitos surdos a aspectos clínicos ou biológicos. Ao contrário, evidencia-se que a Libras constitui uma língua plena, capaz de sustentar processos complexos de produção discursiva, desenvolvimento cognitivo, construção identitária e elaboração do conhecimento.

Dessa forma, os estudos discursivos e cognitivos reforçam a necessidade de reconhecer a surdez como experiência linguística e cultural específica, valorizando as práticas discursivas da comunidade surda e reconhecendo a centralidade da Libras na constituição dos sujeitos, na produção dos sentidos e na construção das múltiplas formas de participação social e educacional.

Gramática, estrutura linguística e construção de sentidos na Libras

A compreensão da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua natural, dotada de gramática própria e estrutura linguística complexa, constitui uma das mais importantes conquistas dos estudos linguísticos contemporâneos. Durante muitos anos, as línguas de sinais foram equivocadamente interpretadas como sistemas gestuais limitados ou formas simplificadas de comunicação. Contudo, as pesquisas desenvolvidas nas últimas décadas demonstraram que essas línguas possuem organização fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática tão sofisticada quanto aquela observada nas línguas orais.

A partir dos estudos pioneiros de Stokoe (1960), tornou-se possível compreender que as línguas de sinais apresentam unidades mínimas distintivas responsáveis pela formação dos sinais e pela construção dos significados. Esses estudos contribuíram para o reconhecimento científico

das línguas de sinais como sistemas linguísticos legítimos, rompendo com concepções que as reduziam a simples representações visuais da língua oral.

No contexto brasileiro, a Libras passou a ser amplamente investigada sob diferentes perspectivas teóricas, evidenciando sua complexidade estrutural e seu papel fundamental na constituição linguística e cultural da comunidade surda. Conforme afirmam Quadros e Karnopp (2004), a Libras apresenta regras próprias de organização gramatical que regulam a formação dos sinais e a produção dos enunciados, permitindo aos usuários expressar ideias abstratas, conceitos complexos e diferentes formas de interação social.

A gramática da Libras organiza-se a partir da interação entre diversos parâmetros linguísticos. Segundo Ferreira-Brito (1995), os sinais são constituídos pela combinação simultânea de configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais. Esses elementos desempenham funções semelhantes às unidades fonológicas presentes nas línguas orais, participando da diferenciação lexical e da construção dos significados.

Ao discutir os aspectos fonológicos das línguas de sinais, Xavier e Barbosa (2014) observam que os parâmetros articulatórios da Libras apresentam regularidades estruturais que permitem a identificação de padrões linguísticos compartilhados pela comunidade surda. Os autores ressaltam que a organização fonológica da Libras não se limita à configuração manual dos sinais, mas envolve um conjunto integrado de recursos articulatórios que contribuem para a constituição dos significados.

Segundo os pesquisadores:

A análise dessas produções ratificou a ocorrência da variação nos parâmetros configuração de mão, localização, movimento, orientação, número de mãos e marcações não-manuais, revelando a complexidade articulatória presente na produção dos sinais da Libras (Xavier; Barbosa, 2014, p. 372).

A observação dos autores demonstra que a gramática da Libras não pode ser compreendida apenas como um conjunto fixo de regras, mas como um sistema dinâmico que admite diferentes realizações linguísticas sem comprometer a construção dos sentidos.

Entre os elementos mais relevantes para a estrutura linguística da Libras destacam-se as marcas não manuais. Durante muito tempo, expressões faciais e corporais foram interpretadas como recursos complementares ou meramente afetivos. Entretanto, pesquisas recentes demonstram que tais elementos desempenham funções gramaticais essenciais na organização dos enunciados.

Felipe (2013) argumenta que as marcas não manuais constituem parte integrante da arquitetura linguística da Libras, atuando nos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo. Dessa forma, expressões faciais, movimentos da cabeça e posturas corporais não representam apenas manifestações emocionais, mas elementos linguísticos responsáveis pela construção dos significados.

Nesse sentido, a autora afirma:

As marcas verbo-visuais gramaticais são linguísticas por fazerem parte da arquitetura dos níveis fonológico, morfológico, sintático-semântico e discursivo em uma determinada língua (Felipe, 2013, p. 67).

Essa perspectiva amplia significativamente a compreensão da gramática das línguas de sinais, evidenciando que a produção dos sentidos ocorre por meio da articulação simultânea entre recursos manuais e não manuais.

A relevância das marcas não manuais também é destacada por Valentim, Dizeu e Costa (2020), que investigaram a variação desse parâmetro na Libras utilizada em Maceió. As autoras observaram que as expressões não manuais apresentam funções linguísticas específicas e participam ativamente da estruturação dos enunciados.

Ao abordar a relação entre gramática e significado, torna-se necessário compreender que a construção dos sentidos em Libras ocorre por meio de mecanismos espaciais que diferem significativamente daqueles encontrados nas línguas orais. A modalidade visuoespacial permite que a organização do espaço participe diretamente da constituição gramatical dos enunciados.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), o espaço de sinalização funciona como elemento gramatical que possibilita estabelecer referências, organizar relações sintáticas e representar participantes do discurso. Essa característica confere à Libras recursos expressivos altamente sofisticados para a construção dos significados.

A Linguística Cognitiva oferece importantes contribuições para a compreensão desse fenômeno. Lakoff e Johnson (2002) defendem que os processos de conceptualização humana estão profundamente relacionados às experiências corporais e espaciais dos sujeitos. No caso das línguas de sinais, a espacialidade assume papel central na organização dos conceitos e na representação dos eventos.

Tal compreensão é reforçada pelos estudos sobre mapeamento espacial desenvolvidos por Silva (2021), que analisou o desempenho de aprendizes de Libras como segunda língua. Segundo a autora, o mapeamento espacial constitui um dos principais recursos linguísticos utilizados para estabelecer referências nominais, relações morfossintáticas e construções discursivas.

Ao discutir os resultados de sua pesquisa, Silva (2021) afirma que:

O desempenho na Língua Brasileira de Sinais pode ser examinado a partir do uso do mapeamento espacial, constituído por elementos da referência nominal, da produção morfossintática e da referência por meio do corpo (Silva, 2021, p. 1).

Essa análise evidencia que a organização espacial não constitui mero recurso visual, mas componente estrutural da gramática da Libras.

Outro aspecto relevante refere-se à relação entre gramática e produção discursiva. A Análise do Discurso tem demonstrado que as estruturas linguísticas não atuam isoladamente, mas participam da construção dos sentidos em contextos concretos de interação. Nesse sentido, os recursos gramaticais da Libras contribuem para a produção de posicionamentos discursivos, identidades e formas específicas de interpretação da realidade.

Bakhtin (2011) argumenta que os sentidos são produzidos na interação social e se materializam por meio dos enunciados. Assim, as estruturas linguísticas presentes na Libras devem ser compreendidas não apenas como mecanismos formais de organização da língua, mas como instrumentos de significação utilizados pelos sujeitos em diferentes práticas sociais.

A importância da gramática para a construção dos sentidos também pode ser observada nos processos de tradução e interpretação. Rodrigues (2018) destaca que a competência tradutória em línguas de sinais envolve domínio não apenas do léxico, mas também dos mecanismos gramaticais responsáveis pela organização dos enunciados.

Segundo o autor:

A competência requerida dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais é marcada por certa capacidade corporal cinestésica diretamente ligada à competência linguística e à competência comunicativa (Rodrigues, 2018, p. 287).

Essa observação demonstra que a compreensão da gramática da Libras exige o reconhecimento da integração entre linguagem, corpo, espaço e cognição.

A construção dos sentidos em Libras também se manifesta nos processos educacionais. Estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas de sinais evidenciam que o domínio das estruturas gramaticais favorece a produção de significados mais complexos e o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes.

Pires (2014), ao investigar a aprendizagem de Língua Portuguesa por estudantes surdos, observa que as interações mediadas pela Libras possibilitam a construção coletiva de conhecimentos linguísticos e favorecem a compreensão de diferentes estruturas gramaticais. Inspirada na teoria sociointeracionista de Vygotsky (2007), a autora demonstra que a linguagem constitui instrumento fundamental para a organização do pensamento e para a construção dos sentidos.

Nessa mesma direção, Sousa (2014) ressalta que a Libras exerce papel central nos processos de ensino-aprendizagem de estudantes surdos, funcionando como principal mediadora da produção de significados e da construção do conhecimento escolar.

Conforme observa a autora:

A Libras teve o papel de principal mediadora das práticas de ensino/aprendizagem investigadas, pois é ela quem dá real significação a essas práticas (Sousa, 2014, p. 1015).

Essa afirmação reforça a compreensão de que a gramática da Libras não constitui apenas um sistema abstrato de regras, mas um instrumento fundamental para a produção de sentidos, para a interação social e para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos surdos.

Portanto, os estudos sobre gramática, estrutura linguística e construção de sentidos na Libras evidenciam a complexidade dessa língua e reafirmam seu estatuto de língua natural plenamente desenvolvida. A articulação entre parâmetros fonológicos, processos morfossintáticos, recursos espaciais, marcas não manuais e mecanismos discursivos demonstra que a produção dos sentidos ocorre por meio de uma sofisticada integração entre linguagem, cognição, cultura e interação social. Dessa forma, compreender a estrutura linguística da Libras significa reconhecer não apenas sua organização gramatical, mas também sua centralidade na constituição identitária, cultural e educacional da comunidade surda.

Conclusão

A análise das contribuições da Sociolinguística, da Análise do Discurso, da Linguística Cognitiva, da Variação Linguística, da Gramática e da Linguística Aplicada evidencia a complexidade dos estudos linguísticos voltados à Língua Brasileira de Sinais e à educação de surdos. Essas áreas do conhecimento, embora possuam objetos específicos de investigação, convergem ao reconhecer a linguagem como fenômeno social, histórico, cognitivo e cultural, cuja compreensão exige abordagens interdisciplinares capazes de contemplar a diversidade das experiências humanas.

Os estudos sociolinguísticos demonstraram que a Libras, assim como qualquer língua natural, apresenta variações decorrentes de fatores regionais, culturais, sociais e históricos. Tal constatação contribui para a superação de concepções homogêneas da língua e para o reconhecimento da diversidade linguística existente entre as comunidades surdas brasileiras. A valorização dessa diversidade fortalece a identidade cultural surda e favorece a construção de práticas educacionais mais inclusivas e sensíveis às especificidades dos sujeitos.

No campo da Análise do Discurso, verificou-se que os sentidos produzidos sobre a surdez, a Libras e a educação de surdos são construídos historicamente por meio de práticas discursivas atravessadas por relações de poder, ideologias e disputas simbólicas. Essa perspectiva permite compreender a transformação dos discursos sobre a surdez, especialmente a passagem de modelos clínico-patológicos para abordagens socioculturais que reconhecem a comunidade surda como grupo linguístico e cultural específico.

As contribuições da Linguística Cognitiva reforçam a compreensão de que a linguagem está profundamente associada aos processos de conceptualização, categorização e construção do conhecimento. No caso da Libras, a modalidade visuoespacial evidencia formas particulares de organização cognitiva, demonstrando que diferentes modalidades linguísticas são igualmente capazes de sustentar processos complexos de desenvolvimento intelectual, aprendizagem e produção de sentidos.

A discussão sobre a gramática da Libras evidenciou que essa língua possui estrutura linguística própria, organizada por parâmetros fonológicos, processos morfológicos, mecanismos sintáticos, recursos espaciais e marcas não manuais que atuam conjuntamente na construção dos significados. Tais elementos confirmam o estatuto linguístico da Libras e reafirmam sua importância para a constituição identitária, cultural e educacional dos sujeitos surdos.

Por sua vez, a Linguística Aplicada revelou-se fundamental para a compreensão dos desafios relacionados ao ensino da Libras como primeira e segunda língua, ao ensino da Língua Portuguesa para surdos, à formação de professores, à atuação de intérpretes e às políticas linguísticas voltadas à educação bilíngue. As pesquisas analisadas demonstram que a linguagem ocupa posição central nos processos de aprendizagem, inclusão social e construção do conhecimento.

Diante desse cenário, conclui-se que o fortalecimento das pesquisas linguísticas voltadas à Libras constitui condição essencial para o avanço das políticas educacionais inclusivas e para a consolidação de uma educação bilíngue de qualidade. Além disso, a valorização das práticas linguísticas da comunidade surda representa importante instrumento de reconhecimento social, promoção da cidadania e garantia dos direitos linguísticos. Assim, compreender a Libras em sua dimensão social, discursiva, cognitiva, gramatical e aplicada significa reconhecer sua relevância na constituição dos sujeitos surdos e na construção de uma sociedade mais democrática, plural e linguisticamente diversa.

Referências

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999.
- CARNIEL, Fagner. A reviravolta discursiva da Libras na educação superior. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230027, 2018.
- FÁVERO, Maria Helena; PIMENTA, Meireluce Leite. Pensamento e linguagem: a língua de sinais na resolução de problemas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 225-236, 2006.
- FELIPE, Tanya Amara. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais – Libras. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-89, 2013.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; ALBRES, Neiva de Aquino; DRAGO, Silvana Lucena dos Santos. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de

São Paulo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 65-80, 2013.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MERTZANI, Maria. Quão longe fomos com a Linguística Aplicada de Sinais na educação de surdos? **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 41-58, 2015.

NOGUEIRA, Aryane Silva. “É para escrever o português ou a Libras?”: nuances da translanguagem na educação linguística de surdos. **DELTA**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 1-28, 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PIRES, Vanessa de Oliveira Dagostim. A aprendizagem coletiva de língua portuguesa para surdos através das interações em língua de sinais. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 987-1014, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 1, p. 287-318, 2018.

RUSSO, Ângela; FISS, Dóris Maria Luzzardi. Discurso, interpretação e tradução: a profissão TILS e seus sentidos na atualidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 42-62, 2018.

SANTANA, Brandon Jhonata Cardoso; SANTOS, Georgiana Marcia Oliveira. A variação denominativa em Libras no Maranhão: uma análise de sinais-termo da eletrotécnica usados no IFMA/Monte Castelo e no SENAI-MA. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 61, n. 1, p. 1-13, 2022.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SOUSA, Aline Nunes de. Reflexões sobre as práticas de ensino de uma professora de inglês para surdos: a língua de sinais brasileira como mediadora do processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1015-1044, 2014.

SOUZA, Isabelle Lima; GEDIEL, Ana Luisa. Os sinais dos surdos: uma análise a partir de uma perspectiva cultural. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 56, n. 1, p. 163-185, 2017.

VALENTIM, Ana Clara Pereira; DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito; COSTA, Priscila Rufino da Silva. Marcação não manuais na Língua Brasileira de Sinais utilizada em Maceió: delineamentos de uma comunidade de prática. **DELTA**, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 1-26, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

XAVIER, André Nogueira; BARBOSA, Plínio Almeida. Diferentes pronúncias em uma língua

não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **DELTA**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.